



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Março 2024

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

MARÇO: Pelos novos mártires, testemunhas de Cristo.

Rezemos para que aqueles que em várias partes do mundo arriscam as suas vidas pelo Evangelho contagiem a Igreja com a sua coragem e o seu impulso missionário.

A Folha de Oração Sementes de Esperança é uma publicação mensal da ACN Portugal em comunhão com a Igreja que Sofre. As várias rubricas apelam à oração e a um maior conhecimento desta realidade, através de fontes de informação no terreno e contactos exclusivos.

A oração é um dos pilares fundamentais da nossa missão. Sem a força que nos vem de Deus, não seríamos capazes de ajudar os Cristãos perseguidos e que sofrem por causa da sua fé.

Para os ajudar, criámos uma grande corrente de oração e distribuímos gratuitamente a Folha de Oração Sementes de Esperança, precisamente porque queremos que este movimento de oração seja cada vez maior.

Ajude-nos a divulgá-la na sua paróquia, grupo de oração, família, amigos e vizinhos. Por favor, não deite fora esta Folha de Oração. Depois de a ler, partilhe-a com alguém ou deixe-a na sua paróquia ou noutro local.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © AIS; © Ismael Martínez

CAPA Jiménez Aranda, José *Consumatum est*
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

É PRECISO VOLTAR AO PRINCÍPIO

A Quaresma é sem dúvida nenhuma o tempo de maior profundidade existencial para os Cristãos, a começar pelo rito da imposição das cinzas na quarta-feira que tem, por isso, o mesmo nome: Quarta-feira de Cinzas. É verdade que no momento em que o leitor lê esta meditação, a Quaresma já vai adiantada, mas todo o mês de Março, este ano, é totalmente ocupado com as celebrações quaresmais, uma vez que a Páscoa a celebramos no último dia, 31 de Março. Por isso, não é de todo descabido insistirmos na importância transcendental da espiritualidade da Quaresma, pois ela encaminha-nos para a profundidade do mistério do nosso ser: lembra-te, ó homem, que és pó e que em pó te hás-de tornar.

Evocando a memória de S. João Paulo II, na sua *Teologia do Corpo*, eu diria que a espiritualidade e o caminho quaresmal convidam-nos a ir ao *princípio*, àquele momento que não é apenas de ordem temporal, mas transcendental, porque se trata dum princípio que estrutura metafisicamente o nosso ser, cuja compreensão não é acessível ao filósofo, mas apenas à razão iluminada pela fé: porque quem crê vê melhor.

A memória existencial deste princípio criacional do nosso ser está contida na designação que nos distingue: *sermos homens*. Ora, na sua etimologia, *homem* vem de *húmus*, ou seja, *pó da terra*, lama a partir da qual Deus insuflou o sopro da vida e por isso o *homem*, *adamah*, em hebraico, se tornou o que somos, um ser vivente. É isso que nos narra o texto do Génesis, onde se lê: “Então Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou nas suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7), criado à imagem e semelhança de Deus: “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, à imagem de Deus o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27).

Temos aqui, nestes dois textos, o *princípio*, entendido não em sentido cronológico, pois a narrativa bíblica não pretende dizer-nos uma data na história do mundo, mas sim o *princípio* transcendental que nos constitui enquanto tais, e por isso cada homem é *Adão*, isto é, tirado do pó da terra, lama: “com o suor do teu rosto comerás o teu pão até que retournes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,19).

Este *princípio*, que em Quarta-feira de Cinzas recordamos, foi estabelecido depois do *pecado original*, que consistiu, como sabemos, em a mulher e o homem se deixarem seduzir pela tentação de se tornarem como Deus, caso comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal: “vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal” (Gn 3,5).

Destes dois textos decorrem dois princípios fundamentais.

O primeiro recorda-nos o sonho de Deus, ao criar o homem e a mulher à Sua imagem e semelhança, ele do pó da terra, ela retirada de um dos seus ossos, que faz dela “osso dos meus ossos, carne da minha carne. Ela será mulher, porque foi criada do homem” (Gn 2, 23). Este é o sonho de Deus!

O segundo recorda-nos o sonho do homem, de querer ultrapassar os seus limites e de ser como Deus, o que o reconduz à sua nudez e vergonha. Estes dois textos são o *princípio fundamental* para nós compreendermos, com a razão iluminada pela revelação e a fé, o drama da condição humana, que, apesar de tudo, Deus não desiste de continuar a sonhar: “porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15), disse Deus à serpente.

A Quaresma é o tempo sagrado que nos convida a ir ao *princípio* e quando nos decidirmos em que descendência ou a que linhagem nos alistamos: na linhagem da serpente ou na linhagem da Mulher, pois estas duas linhagens estão presentes em toda a história da humanidade, confrontam-se e combatem-se permanentemente, como Santo Agostinho nos narra na sua *Cidade de Deus*: “dois amores fazem duas cidades: o amor de Deus até ao desprezo do mundo faz a cidade de Deus; o amor de si até ao desprezo de Deus faz a cidade terrestre”.

Nesta Quaresma examinemos bem a nossa consciência, neste tempo em que a Igreja nos convida a ir ao *princípio*, percorrendo um caminho de conversão, para voltarmos, se for o caso (e é sempre caso, porque necessitamos sempre de conversão), para a *cidade de Deus*, a Igreja, cultivando e praticando o *amor de Deus até ao desprezo do mundo*. Porque a Mulher anunciada profeticamente no texto do Génesis pode ser entendida a respeito de Nossa Senhora e da Igreja, ou melhor, de ambas! Como disse em Fátima: “O meu Coração Imaculado seja o teu refúgio e o caminho que te há-de conduzir até Deus”.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:603.500 km²**População:**

Entre 36 e 43 milhões

Religiões:

Cristãos: 84,6%

Agnósticos: 11,4%

Ateus: 2,2 %

Muçulmanos: 1,6%

Outros: 0,2 %

Língua Oficial:

Ucraniano

**UCRÂNIA**

UMA CONFIANÇA INABALÁVEL EM DEUS

Ocupada pelo exército russo em 2022, reconquistada oito meses mais tarde, a cidade de Kherson, no sul da Ucrânia, tem ainda 40 mil habitantes que sobreviveram aos combates. Entre eles, o Padre Ihnatij Moskalyuk, reitor do mosteiro basiliano Volodymyr o Grande, entrevistado pela Fundação AIS.

Em que mudou a sua vida a partir de Fevereiro de 2022?

Não é fácil descrever como mudou a minha vida a partir de 24 de Fevereiro de 2022. Desde que a guerra começou que estou consciente que cada dia pode ser o último e, quando adormeço, não sei se viverei para ver o nascer do sol. E é assim, um dia após o outro.

Psicologicamente, no início, tive dificuldade em enfrentar esta situação, mas depois comecei a pedir ao Senhor, durante a adoração do Santíssimo, para me dar uma resposta. E a coragem jorrou do meu coração. Disse ao Irmão Pio, que ficou aqui comigo durante toda a ocupação, que a partir de agora viveríamos como antes da guerra, ou seja, dedicando-nos à oração e a ajudar



Jovem em oração na catedral ortodoxa de Kyiv.

as pessoas que ficaram em Kherson: os idosos, os doentes, os jovens que não têm para onde ir, os que ficaram presos em Kherson por causa da guerra. Não podemos abandonar estas pessoas.

Qual o impacto da destruição da barragem de Nova Kakhovka na população e no vosso meio ambiente?

Assim que os *media* nos disseram que a barragem de Nova Kakhovka tinha sido destruída e que em Kherson a água podia subir até três ou quatro metros de altura, toda a gente teve medo. Mas enfrentámos esta nova situação tal como no início da guerra: nada nos poderia fazer perder a confiança em Deus, Nosso Senhor. Era terrível ver com os nossos próprios olhos pessoas presas nas suas casas que era preciso socorrer, edifícios arrastados, animais afogados... Mas a nossa confiança em Deus permaneceu inabalável.

Quantos católicos vivem ainda na região de Kherson?

Antes da guerra, a nossa paróquia tinha 95% de greco-católicos originários da Ucrânia ocidental que tinham sido reinstalados aqui após a Segunda Guerra Mundial. Estavam também os seus filhos e netos, bem como os que tinham vindo para estudar e que depois ficaram a trabalhar. Apenas 5% tinha nascido em Kherson. O regime comunista destruiu a coisa mais preciosa que existia no coração dos habitantes destas regiões do sul e do leste da Ucrânia: a fé em Deus. Mas agora, a nossa paróquia tem 97% de pessoas originárias de Kherson porque, com a guerra, a maneira de pensar mudou muito. Diante do sofrimento e do absurdo da guerra, as pessoas voltam-se mais para Deus.

O que se passou? Como explica isso?

Quando o nosso mosteiro vai em auxílio da população, distribuindo ajuda e dando atenção às pessoas, sentem que os amamos, que os respeitamos e que eles são importantes para nós. Começam então a reflectir sobre a sua vida e a perguntar-se: “Porque vivo aqui



Oração de uma família junto do túmulo de um dos irmãos, morto em Março juntamente com outros soldados, em Lviv.

na terra? Quem é Deus? O que fez Deus por mim? Como posso agradecer-Lhe e que conclusões tirar?”

Actualmente, um grande número de pessoas vem ao nosso mosteiro e pedem-nos os sacramentos do baptismo, do casamento ou do perdão. Todos os dias, 25 a 30 pessoas vêm à Missa e recebem a comunhão. Entre elas, há crianças e jovens... Isso enche-nos de alegria. O sacrifício que o Irmão Pio e eu fizemos durante a ocupação está agora a dar os seus frutos.

Que podemos fazer para o ajudar e à sua comunidade?

Enquanto membros religiosos do nosso mosteiro de Kherson não temos necessidade de nada. Graças a Deus, o mosteiro não está danificado. Contudo, as pessoas ficaram sem as suas casas por causa da guerra e vivem na rua. Outras ficaram nas suas casas, porque não podiam partir dado o facto de serem idosas ou fracas ou porque estavam acamadas por causa da doença. Sofro por todas elas... de uma maneira ou de

outra têm sempre alimentação mas, em Kherson, falta tudo o mais. É por isso que eu agradeço a todos os que nos ajudam a sustentar estas pessoas, especialmente à Fundação AIS.

Oração

Para que os Ucrrianos se voltem mais para Deus e a paz torne a reinar no seu país, nós Te pedimos Senhor.

DOIS PADRES CONTINUAM DESAPARECIDOS

Há quase um ano, a 16 de Novembro de 2022, que os padres redentoristas Ivan Levitskyi e Bohdan Heleta foram presos pelas tropas russas. “Apesar das orações e dos esforços da Igreja Católica para contactar os responsáveis, continuamos a não ter notícias deles”, lamenta D. Maksym Ryabukha, Bispo Auxiliar de Donetsk. A diocese, em grande parte ocupada pelas tropas russas, transferiu a sua sede de Donetsk para Zaporíjia por causa da guerra que, nestas regiões, começou em 2014.



2024

ANO DE ORAÇÃO

No Domingo, 21 de Janeiro, por ocasião do 5º Domingo da Palavra de Deus, o Santo Padre, o Papa Francisco, abriu oficialmente o **Ano de Oração** durante a oração do *Angelus*. Foram estas as palavras do Papa: ***“Os próximos meses levar-nos-ão à abertura da Porta Santa, com a qual iniciaremos o Jubileu. Peço-vos que intensifiquéis a vossa oração, a fim de nos prepararmos para viver bem este acontecimento de graça e experimentar nele a força da esperança de Deus. Por isso, hoje iniciamos o Ano da Oração, um ano dedicado a redescobrir o grande valor e a necessidade absoluta da oração na vida pessoal, na vida da Igreja e no mundo”***.

Já na sua Carta de 11 de Fevereiro de 2022, dirigida ao Pró-Prefeito, Sua Ex. Rev.ma D. Rino Fisichella, para encarregar o Dicastério para a Evangelização do Jubileu, o Papa tinha escrito: ***“Desde já, apraz-me pensar que o ano que precede o evento jubilar, 2024, possa ser dedicado a uma grande ‘sinfonia’ de oração. Antes de mais, para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, de O escutar e de O adorar”***. Portanto, no caminho de preparação para o Jubileu, as dioceses são convidadas a promover a centralidade da oração individual e comunitária.

O Dicastério disponibilizou algumas ferramentas úteis para entender melhor e redescobrir o valor da oração. Para além das 38 catequeses sobre a Oração que o próprio Papa Francisco proferiu de 6 de Maio de 2020 a 16 de junho de 2021, foi publicada pela *Libreria Editrice Vaticana* uma coleção de ***“Apontamentos sobre a Oração”***. Trata-se de 8 volumes destinados a recolocar no centro a relação profunda com o Senhor, através das múltiplas formas de oração contempladas na rica tradição católica. Além disso, está disponível *online* um subsídio pastoral, em versão digital, para ajudar as comunidades paroquiais, as famílias, os sacerdotes, os clérigos e os jovens a viver com maior consciência a necessidade da oração quotidiana.

In www.iubilaeum2025.va/pt.html



DEIXEMO-NOS CONDUZIR AO DESERTO

“Em nome de Cristo, suplicamos-vos: reconciliai-vos com Deus” 2 Cor 5, 20

Queridos irmãos e irmãs!

O Senhor concede-nos, também neste ano, um tempo propício para nos prepararmos para celebrar, de coração renovado, o grande Mistério da morte e ressurreição de Jesus, perne da vida cristã pessoal e comunitária. Com a mente e o coração, devemos voltar continuamente a este Mistério. Com efeito, o mesmo não cessa de crescer em nós na medida em que nos deixarmos envolver pelo seu dinamismo espiritual e aderirmos a ele com uma resposta livre e generosa.

1. O Mistério pascal, fundamento da conversão

A alegria do cristão brota da escuta e recepção da Boa Nova da morte e ressurreição de Jesus: o kerygma. Este compendia **o Mistério dum amor “tão real, tão verdadeiro, tão concreto, que nos proporciona uma relação cheia de diálogo sincero e fecundo”** (Francisco, Exort. ap. *Christus vivit*, 117). Quem crê neste anúncio rejeita a mentira de que a nossa vida teria origem em nós mesmos, quando na realidade nasce do amor de Deus Pai, da Sua vontade de dar vida em abundância (cf. Jo 10, 10). Se, pelo contrário, se presta ouvidos à voz persuasora do “pai da mentira” (Jo 8, 44), corre-se o risco de precipitar no abismo do absurdo, experimentando o

inferno já aqui na terra, como infelizmente dão testemunho muitos acontecimentos dramáticos da experiência humana pessoal e colectiva.

Por isso, nesta Quaresma (...), quero estender a todos os Cristãos o mesmo que escrevi aos jovens na Exortação apostólica *Christus vivit*: **“Fixa os braços abertos de Cristo crucificado, deixa-te salvar sempre de novo. E quando te aproximares para confessar os teus pecados, crê firmemente na Sua misericórdia que te liberta de toda a culpa. Contempla o Seu sangue derramado pelo grande amor que te tem e deixa-te purificar por ele. Assim, poderás renascer sempre de novo”** (n. 123). A Páscoa de Jesus não é um acontecimento do passado: pela força do Espírito Santo é sempre actual e permite-nos contemplar e tocar com fé a carne de Cristo em tantas pessoas que sofrem.

2. Urgência da conversão

É salutar uma contemplação mais profunda do Mistério pascal, em virtude do qual nos foi concedida a misericórdia de Deus. Com efeito, a experiência da misericórdia só é possível “face a face” com o Senhor crucificado e ressuscitado, “que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gl 2, 20). **Um diálogo coração a coração, de amigo a amigo. Por isso mesmo, é tão importante a oração no tempo quaresmal.** Antes de ser um dever, esta expressa a necessidade de corresponder ao amor de Deus, que sempre nos precede e sustenta. De facto, o cristão reza ciente da sua indignidade de ser amado. **A oração poderá assumir formas diferentes, mas o que conta verdadeiramente aos olhos de Deus é que ela escave dentro de nós, chegando a romper a dureza do nosso coração, para o converter cada vez mais a Ele e à Sua vontade.**

Por isso, neste tempo favorável, deixemo-nos conduzir como Israel ao deserto (cf. Os 2, 16), para podermos finalmente ouvir a voz do nosso Esposo, deixando-a ressoar em nós com maior profundidade e disponibilidade. Quanto mais nos deixarmos envolver pela Sua Palavra, tanto mais conseguiremos experimentar a Sua misericórdia gratuita por nós. Portanto não deixemos passar em vão este tempo de graça, na presunçosa ilusão de sermos nós o dono dos tempos e modos da nossa conversão a Ele.

3. A vontade apaixonada que Deus tem de dialogar com os Seus filhos

O facto de o Senhor nos proporcionar uma vez mais um tempo favorável para a nossa conversão, não devemos jamais dá-lo como garantido. Esta nova oportunidade deveria suscitar em nós um sentido de gratidão e sacudir-nos do nosso torpor. Não

obstante a presença do mal, por vezes até dramática, tanto na nossa existência como na vida da Igreja e do mundo, este período que nos é oferecido para uma mudança de rumo manifesta a vontade tenaz de Deus de não interromper o diálogo de salvação connosco. Em Jesus crucificado, que Deus “fez pecado por nós” (2 Cor 5, 21), esta vontade chegou ao ponto de fazer recair sobre o Seu Filho todos os nossos pecados, como se houvesse – segundo o Papa Bento XVI – um “virar-se de Deus contra Si próprio” (Enc. *Deus caritas est*, 12). De facto, Deus ama também os Seus inimigos (cf. Mt 5, 43-48).

O diálogo que Deus quer estabelecer com cada homem, por meio do Mistério pascal do Seu Filho, não é como o diálogo atribuído aos habitantes de Atenas, que “não passavam o tempo noutra coisa senão a dizer ou a escutar as últimas novidades” (At 17, 21). Este tipo de conversa, ditado por uma curiosidade vazia e superficial, caracteriza a mundanidade de todos os tempos e, hoje em dia, pode insinuar-se também num uso pervertido dos meios de comunicação.

4. Uma riqueza que deve ser partilhada, e não acumulada só para si mesmo

Colocar o Mistério pascal no centro da vida significa sentir compaixão pelas chagas de Cristo crucificado presentes nas inúmeras vítimas inocentes das guerras, das prepotências contra a vida desde a do nascituro até à do idoso, das variadas formas de violência, dos desastres ambientais, da iníqua distribuição dos bens da terra, do tráfico de seres humanos em todas as suas formas e da sede desenfreada de lucro, que é uma forma de idolatria.

Também hoje é importante chamar os homens e mulheres de boa vontade à partilha dos seus bens com os mais necessitados através da esmola, como forma de participação pessoal na edificação dum mundo mais justo. A partilha, na caridade, torna o homem mais humano; com a acumulação, corre o risco de embrutecer, fechado no seu egoísmo. Podemos e devemos ir mais além, considerando as dimensões estruturais da economia. (...) Como várias vezes se referiu no magistério da Igreja, a política é uma forma eminente de caridade (cf. Pio XI, *Discurso à FUCI*, 18/XII/1927). E sê-lo-á igualmente ocupar-se da economia com o mesmo espírito evangélico, que é o espírito das Bem-aventuranças.

Invoco a intercessão de Maria Santíssima sobre a próxima Quaresma, para que acolhamos o apelo a deixar-nos reconciliar com Deus, fixemos o olhar do coração no Mistério pascal e nos convertamos a um diálogo aberto e sincero com Deus. Assim, poderemos tornar-nos aquilo que Cristo diz dos Seus discípulos: sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13.14).



OS SETE SACRAMENTOS DA IGREJA

O SACRAMENTO DA EUCARISTIA PARTE I

271. O que é a Eucaristia?

É o próprio sacrifício do Corpo e do Sangue do Senhor Jesus, que Ele instituiu para perpetuar o sacrifício da cruz no decorrer dos séculos até ao seu regresso, confiando assim à sua Igreja o memorial da sua Morte e Ressurreição. É o sinal da unidade, o vínculo da caridade, o banquete pascal, em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da vida eterna.

272. Quando é que Jesus Cristo instituiu a Eucaristia?

Instituiu-a na Quinta Feira Santa, “na noite em que foi entregue” (1 Cor 11,23), ao celebrar a Última Ceia com os seus Apóstolos.

273. Como é que a instituiu?

Depois de reunir os Apóstolos no Cenáculo, Jesus tomou nas suas mãos o pão, partiu-o e deu-o dizendo: “Tomai e comei todos: isto é o meu corpo entregue por vós”. Depois tomou nas suas mãos o cálice do vinho e disse-lhes: “tomai e bebei todos: este é o cálice do meu sangue para a nova e eterna aliança, derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”.

274. O que significa a Eucaristia na vida da Igreja?

É fonte e cume da vida cristã. Na Eucaristia, atingem o auge a acção santificadora de Deus em nosso favor e o nosso culto para com Ele. Nela está contido todo o tesouro espiritual da Igreja: o próprio Cristo, nossa Páscoa. A comunhão da vida divina e a unidade do Povo de Deus são significadas e realizadas na Eucaristia. Pela celebração eucarística unimo-nos desde já à liturgia do Céu e antecipamos a vida eterna.

275. Como é chamado este sacramento?

A insondável riqueza deste sacramento exprime-se com diferentes nomes que evocam alguns dos seus aspectos particulares. Os mais comuns são: Eucaristia, Santa Missa, Ceia do Senhor, Fracção do pão, Celebração Eucarística, Memorial da paixão, da morte e da ressurreição do Senhor, Santo Sacrifício, Santa e Divina Liturgia, Santos Mistérios, Santíssimo Sacramento do altar, Santa Comunhão.

276. Qual o lugar da Eucaristia no desígnio da salvação?

Na Antiga Aliança, a Eucaristia é preanunciada sobretudo na ceia pascal anual, celebrada cada ano pelos judeus com os pães ázimos, para recordar a imprevista e libertadora partida do Egipto. Jesus anuncia-a no seu ensino e institui-a, celebrando com os seus Apóstolos a última Ceia, durante um banquete pascal. A Igreja, fiel ao mandamento do Senhor: “Fazei isto em memória de mim” (1 Cor 11, 24), sempre celebrou a Eucaristia, sobretudo ao Domingo, dia da ressurreição de Jesus.

277. Como se desenrola a celebração da Eucaristia?

Desenrola-se em dois grandes momentos que formam um só acto de culto: a liturgia

da Palavra, que compreende a proclamação e escuta da Palavra de Deus; e a liturgia eucarística, que compreende a apresentação do pão e do vinho, a oração ou anáfora, que contém as palavras da consagração, e a comunhão.

278. Quem é o ministro da celebração da Eucaristia?

É o sacerdote (Bispo ou presbítero), validamente ordenado, que age na Pessoa de Cristo Cabeça e em nome da Igreja.

279. Quais os elementos essenciais e necessários para realizar a Eucaristia?

São o pão de trigo e o vinho da videira.

280. Como é que a Eucaristia é memorial do sacrifício de Cristo?

A eucaristia é memorial no sentido que torna presente e actual o sacrifício que Cristo ofereceu ao Pai, uma vez por todas, na cruz, em favor da humanidade. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: “Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós” e “este cálice é a nova aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós” (Lc 22,19-20). O sacrifício da cruz e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício. Idênticos são a vítima e Aquele que oferece, diverso é só o modo de oferecer-se: cruento na cruz, incruento na Eucaristia.

281. Como é que a Igreja participa no sacrifício eucarístico?

Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu Corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, o seu trabalho são unidos aos de Cristo. Enquanto sacrifício, a Eucaristia é também oferecida por todos os fiéis vivos e defuntos, em reparação dos pecados de todos os homens e para obter de Deus benefícios espirituais e temporais. A Igreja do céu está unida também à oferta de Cristo.

282. Como é que Jesus está presente na Eucaristia?

Jesus Cristo está presente na Eucaristia dum modo único e incomparável. De facto, está presente de modo verdadeiro, real, substancial: com o seu Corpo e o seu Sangue, com a sua Alma e a sua Divindade. Nela está presente em modo sacramental, isto é, sob as espécies eucarísticas do pão e do vinho, Cristo completo: Deus e homem.

In Catecismo da Igreja Católica: Compêndio



O CAMINHO DA PAZ

Excelências, Senhoras e Senhores,

(...) Aqui não posso deixar de reiterar a minha preocupação com o que está a acontecer na **Palestina** e em **Israel**. Todos ficámos chocados com o ataque terrorista de 7 de Outubro passado contra a população em Israel, onde foram feridas, torturadas e mortas de forma atroz tantas pessoas inocentes e muitas outras foram feitas reféns. Repito a minha condenação de tal acção e de toda a forma de terrorismo e extremismo: assim não se resolvem as questões entre os povos, antes pelo contrário tornam-se mais difíceis, causando sofrimento a todos. De facto, aquilo provocou uma forte resposta militar israelita em Gaza, que levou à morte de dezenas de milhares de palestinianos, na maioria civis, entre os quais muitas crianças, adolescentes e jovens, e causou uma situação humanitária gravíssima com sofrimentos inimagináveis. (...)

O conflito activo em Gaza desestabiliza ainda mais uma região frágil e carregada de tensões. Em particular, não se pode esquecer o povo Sírio, que vive na instabilidade económica e política, agravada pelo terramoto de Fevereiro [do ano] passado. A comunidade internacional incentive as partes envolvidas a empreenderem um diálogo construtivo e sério e a procurarem novas soluções para que o povo Sírio deixe de sofrer por causa das

sanções internacionais. Além disso, expri-
mo a minha amargura pelos milhões de
refugiados sírios que ainda se encontram
nos países vizinhos, como a **Jordânia** e o
Líbano.

Penso de modo particular neste último,
manifestando preocupação pela situação
social e económica em que se encontra
o querido povo Libanês, e espero que o
impasso institucional, que está a deixá-
-lo ainda mais de rasto, seja resolvido e
que o País dos Cedros tenha em breve um
Presidente.

Sempre no continente asiático, desejo
ainda chamar a atenção da comunidade
internacional para o **Mianmar**, pedindo
que se façam todos os esforços para dar
esperança àquela terra e um futuro digno
às gerações jovens, sem esquecer a emer-
gência humanitária que ainda afecta os
Rohingya. (...)

Infelizmente, depois de quase dois anos
de guerra em grande escala da **Federação
Russa** contra a **Ucrânia**, a tão desejada paz
ainda não conseguiu encontrar lugar nas
mentes e nos corações, não obstante as
numerosíssimas vítimas e o rasto enorme
de destruição. Não se pode deixar conti-
nuar um conflito, que se está gangrenando
cada vez mais, com dano para milhões de
pessoas, mas é preciso que se ponha termo
à tragédia em curso através da negociação,
no respeito pelo direito internacional. (...)

Se agora voltarmos o olhar para a **África**,
temos diante dos olhos o sofrimento de
milhões de pessoas devido às múltiplas

crises humanitárias em que versam
vários países subsaarianos, por causa do
terrorismo internacional, dos complexos
problemas sociopolíticos e dos efeitos
devastadores provocados pela mudança
climática, a que se vêm juntar as conse-
quências dos golpes militares de Estado
ocorridos em alguns países e de certos
processos eleitorais caracterizados por cor-
rupção, intimidações e violência. (...)

Quero recordar também os acontecimentos
dramáticos no **Sudão**, onde infelizmente,
depois de meses de guerra civil, ainda não
se avista uma saída; bem como as situa-
ções dos deslocados nos **Camarões**, em
Moçambique, na **República Democrática
do Congo** e no **Sudão do Sul**. (...)

Embora não existam guerras declaradas
nas Américas, todavia entre alguns países,
como por exemplo entre a **Venezuela** e
a **Guiana**, verificam-se **fortes tensões**,
enquanto noutros, como no **Perú**, vemos
fenómenos de polarização que compro-
metem a harmonia social e enfraquecem
as instituições democráticas.

Suscita preocupação ainda a situação na
Nicarágua: uma crise que se prolonga no
tempo com amargas consequências para
toda a sociedade nicaraguense, particu-
larmente para a Igreja Católica. A Santa Sé
não cessa de convidar a um **diálogo diplo-
mático** respeitoso pelo bem dos católicos
e de toda a população. (...)

**Talvez não nos apercebamos de que as
vítimas civis não são “danos colaterais”**.
São homens e mulheres com nomes e

apelidos que perdem a vida. São crianças que ficam órfãs e privadas do futuro. São pessoas que padecem a fome, a sede e o frio ou que ficam mutiladas por causa da potência das armas modernas. Se conseguíssemos fixar cada um deles nos olhos, chamá-los por nome e evocar a sua história pessoal, veríamos a guerra como ela é: nada mais que uma enorme tragédia e “um massacre inútil”, que fere a dignidade de toda a pessoa nesta terra. (...)

O caminho da paz exige o respeito pela vida, por toda a vida humana, a começar pela do **nascituro no ventre da mãe**, que não pode ser suprimida nem se pode tornar objecto de tráficos ilícitos. A este respeito, considero deprimente a prática da chamada **barriga de aluguer**, que lesa gravemente a dignidade da mulher e do filho. Baseia-se na exploração duma situação de necessidade material da mãe. **Um filho é sempre um dom**, e nunca o objecto dum contrato. Almejo, pois, um esforço da comunidade internacional para proibir tal prática a nível universal. Em cada momento da sua existência, a vida humana deve ser preservada e tutelada, pelo que é com pesar que constato, especialmente no Ocidente, a persistente difusão duma cultura da morte que, em nome duma fingida piedade, descarta crianças, idosos e doentes.

O caminho da paz exige o **respeito pelos direitos humanos**, nos termos da formulação simples, mas clara, contida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujo 75º aniversário celebrámos

recentemente. Trata-se de princípios racionalmente evidentes e comumente aceites. Infelizmente, as tentativas realizadas nos últimos decénios para introduzir novos direitos, não plenamente sólidos como os definidos originalmente e nem sempre aceitáveis, ocasionaram colonizações ideológicas, entre os quais tem um papel central a **teoria do género**, extremamente perigosa porque cancela as diferenças com a pretensão de tornar todos iguais. Tais colonizações ideológicas provocam feridas e divisões entre os Estados, em vez de favorecer a edificação da paz. (...)

O caminho da paz passa ainda através do **diálogo inter-religioso**, que exige, antes de mais nada, a tutela da liberdade religiosa e o respeito das minorias. Custa, por exemplo, constatar que cresce o número de países que adoptam modelos de controlo centralizado sobre a liberdade de religião, com o uso maciço da tecnologia. Noutros lugares, as comunidades religiosas minoritárias encontram-se frequentemente numa situação cada vez mais dramática. Nalguns casos, correm o risco de extinção, devido a uma combinação de **acções terroristas**, ataques ao património cultural e medidas mais subtis, como a proliferação das **leis anticonversão**, a manipulação das regras eleitorais e as restrições financeiras.

Preocupa, particularmente, o aumento dos **actos de antissemitismo** verificados nos últimos meses; reitero mais uma vez que este flagelo deve ser erradicado da sociedade, sobretudo através da educação para a fraternidade e o acolhimento do outro.

De igual modo, preocupa o crescimento da **perseguição e da discriminação contra os Cristãos**, sobretudo nos últimos dez anos. Embora de forma incruenta mas socialmente relevante, tem a ver, não raro, com fenómenos de lenta marginalização e exclusão da vida política e social e do exercício de certas profissões, que acontecem mesmo em terras tradicionalmente cristãs. Globalmente existem no mundo mais de 360 milhões de cristãos que sofrem um alto nível de perseguição e discriminação por causa da sua fé, e cresce sempre mais o número daqueles que são forçados a fugir das suas terras de origem.

Por fim, o caminho da paz passa pela educação, que é o principal investimento no futuro e nas gerações jovens. Permanece viva em mim a recordação da **Jornada Mundial da Juventude** realizada em Portugal no passado mês de agosto. Ao mesmo tempo que volto a agradecer às Autoridades portuguesas, civis e religiosas, o empenho posto na organização, conservo no coração aquele encontro com mais de um milhão de jovens, provenientes de todas as partes do mundo, cheios de entusiasmo e vontade de viver. A sua presença foi um grande hino à paz e o testemunho de que “a unidade é superior ao conflito” e que é “possível desenvolver uma comunhão nas diferenças”. (...)

Neste ano, a Igreja prepara-se para o **Jubileu** que terá início no próximo Natal. (...) Talvez hoje, mais do que nunca, tenhamos necessidade do ano jubilar. Perante tantos sofrimentos que provocam

desespero não só nas pessoas directamente atingidas, mas em todas as nossas sociedades; frente aos nossos jovens, que, em vez de sonhar um futuro melhor, com frequência se sentem impotentes e frustrados; e face à obscuridade deste mundo que, em vez de se afastar, parece crescer, **o Jubileu é o anúncio de que Deus nunca abandona o seu povo e mantém sempre abertas as portas do seu Reino. Na tradição judaico-cristã, o Jubileu é um tempo de graça para experimentar a misericórdia de Deus e o dom da sua paz. É um tempo de justiça, em que os pecados são perdoados, a reconciliação permite superar a injustiça e a terra repousa. Pode ser para todos – cristãos e não-cristãos – o tempo para quebrar as espadas e delas fazer arados; o tempo em que uma nação não mais levantará a espada contra outra, nem se aprenderá mais a arte da guerra** (cf. Is 2, 4).

Queridos irmãos e irmãs, são estes os votos que formulo de todo o coração para cada um de vós, prezados Embaixadores, para as vossas famílias, para os colaboradores e para os povos que representais. Obrigado e um ano feliz para todos!

Discurso do Papa Francisco aos Membros do Corpo Diplomático Acreditado junto à Santa Sé para as felicitações de ano novo, 8 de Janeiro de 2024



ORAÇÃO A SÃO JOSÉ, MIGRANTE PERSEGUIDO E CORAJOSO

São José,

*vós que experimentastes o sofrimento de quem deve fugir
vós que fostes obrigado a fugir
para salvar a vida dos entes mais queridos,
amparai todos aqueles que fogem por causa da guerra,
do ódio e da fome.*

*Ajudai-os nas suas dificuldades,
fortalecei-os na esperança e fazei com que
encontrem acolhimento e solidariedade.*

*Guiai os seus passos e abri o coração de quantos os podem ajudar. **Ámen!***

Papa Francisco



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | www.fundacao-ais.pt